

# As variáveis linguísticas na realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas audiovisuais

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i1.3913>

**Lívia Oliveira Azevedo<sup>1</sup>**

## Resumo

Este artigo visa a investigar as variáveis linguísticas na realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas da série *Grey's Anatomy*, partindo de uma aproximação entre a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1978]; Labov, 1994, 2001, 2008 [1972]) e as teorias acerca de gêneros textuais-discursivos (Bakhtin, 2016 [1979], Marcuschi, 2008, 2010). Para isso, foram analisadas legendas profissionais, da *Amazon Prime Video*, e legendas feitas por fãs. A análise estatística foi realizada na plataforma *R* (R Core Team, 2023), levando em conta variáveis independentes definidas com base na literatura e nas especificidades do gênero. Os resultados apontaram para um comportamento particular do fenômeno no *corpus*, influenciado pelas características desse gênero textual-discursivo.

**Palavras-chave:** objeto direto anafórico de terceira pessoa; legenda audiovisual; variação linguística; gêneros-textuais discursivos.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [livia.azevedo@estudante.ufscar.br](mailto:livia.azevedo@estudante.ufscar.br); <https://orcid.org/0009-0001-3137-4991>

# **Linguistic variables in the realization of the third-person anaphoric direct object in audiovisual subtitles**

## **Abstract**

This paper aims to investigate the linguistic variables involved in the use of the third-person anaphoric direct object in subtitles of the series Grey's Anatomy, drawing on an approach that combines the Theory of Language Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1978]; Labov, 1994, 2001, 2008 [1972]) with theories on textual-discursive genres (Bakhtin, 2016 [1979], Marcuschi, 2008, 2010). For this purpose, both professional subtitles from Amazon Prime Video and fan-created subtitles were analyzed. Statistical analysis was conducted on the R platform (R Core Team, 2023), considering independent variables defined based on relevant literature and the specificities of the genre. The results indicated a particular behavior of this phenomenon within the *corpus*, influenced by the characteristics of this textual-discursive genre.

**Keywords:** third-person anaphoric direct object; audiovisual subtitles; linguistic variation; textual-discursive genres.

## **Introdução**

A noção fundamental para a Sociolinguística Variacionista é a de que todas as línguas são essencialmente heterogêneas e variáveis, sendo a seleção de cada variante condicionada por fatores linguísticos, sociais e estilísticos (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1994, 2001, 2008 [1972]). Nesse sentido, a análise linguística deve sempre partir de situações concretas de comunicação e interação, que tomam forma por meio de diferentes gêneros textuais-discursivos e se vinculam a estilos, modalidades, e normas linguísticas particulares (Marcuschi, 2008, 2010), de modo que a exploração detalhada das características estruturais e situacionais desses gêneros torna-se fulcral para a compreensão da variação linguística.

Sob essa perspectiva, o pesquisador não pode se limitar a considerar os gêneros textuais-discursivos apenas durante a etapa de elaboração do *corpus* de análise. Longe disso, dado o impacto significativo que eles exercem sobre as escolhas linguísticas dos falantes, é fundamental que a preocupação com os gêneros perpassasse todas as fases da pesquisa sociolinguística, atravessando desde a definição do objeto de estudo, a coleta dos dados e a delimitação das categorias de análise até a interpretação e a discussão dos resultados (Biazolli; Berlinck, 2021).

Com base nisso, o presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos por Azevedo (2024) em uma investigação sobre a realização do acusativo anafórico de terceira pessoa

em legendas audiovisuais para a série *Grey's Anatomy* (2004 –), que considerou traduções criadas por profissionais e por fãs a fim de observar a ocorrência das quatro variantes do fenômeno – o clítico acusativo, o objeto nulo, o sintagma nominal (SN) anafórico e o pronome lexical – em conjunto com as especificidades desse gênero. Assim, nessa pesquisa, além de fatores extralingüísticos específicos do gênero legenda audiovisual, foram considerados os condicionadores linguísticos traço semântico do antecedente, forma verbal, estrutura sintática e função sintática do antecedente, com vistas a averiguar se elas se mostrariam tão relevantes para a ocorrência do fenômeno quanto anteriormente reportado em estudos sobre essa variável em outros gêneros textuais-discursivos.

Dessa forma, este artigo está organizado da maneira apresentada a seguir. A seção 2 debate brevemente as relações entre os estudos dos gêneros e da variação, buscando reforçar a importância dessa correlação na observação de fenômenos variáveis. Na seção 3, descreve-se a metodologia aplicada na pesquisa aqui descrita, englobando a elaboração do *corpus*, a seleção do objeto de estudo e das variáveis, e as etapas empregadas nas análises. Em seguida, a seção 4 traz a discussão e a análise dos resultados alcançados por Azevedo (2024), demonstrando como a compreensão da variação do objeto direto (OD) anafórico de terceira pessoa nas legendas foi facilitada pela abordagem utilizada. Por fim, são tecidas as considerações finais e listadas as referências.

## Entre gênero e variação

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, a língua toma forma por meio de enunciados orais e escritos, associados a diversos campos de atividade humana, e emitidos por falantes em contextos concretos e particulares. Tais enunciados, em estreita relação com as atividades que pertencem a cada um desses campos, expressam condições e propósitos específicos, refletidos em seus conteúdos temáticos, seus estilos e suas construções composicionais, constituindo o tripé que serve de base para a concepção de **gênero do discurso** apresentada por Bakhtin (2016 [1979]).

Para o autor, os elementos que constituem um gênero tornam inseparável a escolha do falante por um tipo de enunciado do contexto interacional em que ele ocorre. Assim, a opção por um gênero não é imparcial, sendo determinada tanto pelo ambiente comunicativo quanto pelas intenções individuais de cada falante. Nas palavras do estudioso,

[...] essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero [...] (Bakhtin, 2016 [1979], p. 37-38).

Baseando-se em aspectos sociointeracionais, Marcuschi (2008, 2010) também estrutura o conceito de **gênero textual** a partir de três elementos centrais – composição funcional, objetivo enunciativo e estilo –, que se concretizam dinamicamente por meio de formas orais, escritas ou híbridas, situadas histórica e socialmente, em articulação com as forças que regem a sociedade. Assim, os gêneros são fenômenos intrinsecamente ligados à vida social e cultural dos falantes, manifestando-se em diferentes domínios discursivos e operando sobretudo como ferramentas para agir e interagir no mundo, buscando alcançar objetivos comunicativos específicos.

A fim de alcançar plenamente esses objetivos, os falantes optam, então, por formas linguísticas distintas, abrindo espaço para diferentes estilos e, por conseguinte, permitindo a ocorrência da variação. Dessa maneira, embora os gêneros apresentem um caráter relativamente estável que pode ditar certas escolhas ao falante (Bakhtin, 2016 [1979]), eles também admitem diferentes níveis de liberdade para criação. Nesse sentido, as escolhas linguísticas “podem, inclusive, subverter certos significados sociais vinculados a usos linguísticos em gêneros mais padronizados ou podem operar como recurso identitário e político em, por exemplo, obras literárias” (Severo, 2014, p. 48).

Portanto, é essencial reconhecer o gênero como o *locus* da variação linguística, sendo impossível dissociar o estudo aprofundado dos processos de variação e mudança linguísticas do estudo dos **gêneros textuais-discursivos**<sup>2</sup>. Nesse contexto, destacam-se trabalhos como o de Biazolli e Berlinck (2021)<sup>3</sup>, que defendem a integração dessas duas dimensões e discutem os benefícios dessa abordagem, tais como: (i) a possibilidade de analisar dados que representam diferentes níveis de monitoramento e formalidade ao comparar gêneros distintos; (ii) a identificação de ocorrências relevantes para a variável em estudo, considerando as características específicas de um gênero; e (iii) a transformação de características estruturais e situacionais do gênero em variáveis da pesquisa, permitindo quantificar os efeitos do gênero sobre a variação e assegurando maior rigor analítico.

Desse modo, as autoras defendem a relevância de incorporar questões relacionadas aos gêneros em investigações variacionistas, sugerindo estratégias para integrar esses dois âmbitos, assim como foi proposto no estudo sobre a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas audiovisuais cujos resultados serão reportados neste artigo.

---

2 Assim como em Biazolli e Berlinck (2021), opta-se, neste artigo, pelo termo *gênero textual-discursivo*, por considerar o gênero a partir de uma visão que engloba a complementaridade entre texto e discurso.

3 Outros trabalhos que também adotam posturas semelhantes são os de Biazolli (2016), Vieira e Lima (2019) e Lima (2022), para citar alguns.

## Metodologia

Considerando as características estruturais e situacionais do gênero textual-discursivo legenda audiovisual, foi compilado um *corpus* composto por dois conjuntos de legendas da série televisiva *Grey's Anatomy*, referentes à 6<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup> temporadas. O primeiro conjunto englobou legendas feitas por fãs, as *fansubs*, obtidas gratuitamente pelo site Legendas TV<sup>4</sup>; já o segundo foi formado por legendas profissionais, extraídas da plataforma *Amazon Prime Video*, por intermédio do *script* de usuário *Amazon Video – subtitle downloader*<sup>5</sup>, versão 1.9.3, disponibilizado pelo usuário Tithen-Firion no site *Greasy Fork*<sup>6</sup>.

Em seguida, todos os arquivos de legenda, coletados de 9 episódios, foram convertidos para o formato .srt e passaram por uma limpeza em que foram utilizadas ferramentas do site *Subtitle Tools*<sup>7</sup> para remover a numeração das legendas, as marcações de tempo (*timestamps*) e outras informações que não eram relevantes para a pesquisa. Adicionalmente, abreviações foram incluídas ao início de cada fala, a fim de que, posteriormente, a identificação das personagens pudesse ser facilmente realizada.

Construiu-se, então, uma amostra-piloto por meio da qual decidiu-se trabalhar com a realização do OD anafórico de terceira pessoa (Duarte, 1986; Cyrino, 1994; Freire, 2005; Marques de Sousa, 2021; Lima, 2022). Com base na literatura disponível sobre o fenômeno e nas hipóteses da pesquisa, foram definidas quatro variantes a serem coletadas e analisadas: o clítico acusativo, o objeto nulo, o SN anafórico e o pronome lexical. De maneira geral, esperava-se que a legenda, por ser um gênero que representa produções orais e ocorre de maneira multimodal, refletiria o uso de variantes mais comuns na fala, principalmente devido à necessidade de se representar a língua de maneira razoavelmente natural. Os exemplos (1) a (4) a seguir, retirados do *corpus*, representam cada uma dessas estratégias, respectivamente.

1. M1: Cadê o *Shane*?  
Depois que nos forçou  
a aceitá-**lo** de volta... (FT10E13)
2. A3: Tem *minha palavra*. Os dois tem **[Ø]**. (FT14E01)

---

4 Atualmente, o site Legendas TV, anteriormente disponibilizado no endereço <http://legendas.tv/>, não está mais em funcionamento. O último acesso ao site foi em 08/12/2022.

5 Disponível em: <https://greasyfork.org/pt-BR/scripts/34885-amazon-video-subtitle-downloader>. Acesso em: 18 nov. 2024.

6 O site *Greasy Fork* (<https://greasyfork.org/>) é um repositório de *scripts* de usuário, mantido pelo programador Jason Barnabe. Acesso em: 18 nov. 2024.

7 Disponível em: <https://subtitletools.com/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

3. CA1: Quando eu tinha 10 anos,  
estava em um restaurante  
com meu pai,  
comendo *waffles*.  
Eu adorava **waffles**. (FT10E24)
4. AM1: Não consigo dormir porque  
fico vendo o rosto *dele* o tempo todo.  
Vejo **ele** nos pontos de ônibus. (PT06E01)

Além das variáveis previsoras extralinguísticas, que não são descritas aqui por fugirem ao escopo deste artigo<sup>8</sup>, foram definidas, com base no estudo da legenda e nas hipóteses do trabalho, quatro variáveis linguísticas, a fim de observar se elas se correlacionavam de maneira significativa com a ocorrência do fenômeno. Foram elas: (i) traço semântico do antecedente, que contou com os níveis animado e não animado; (ii) estrutura sintática, que considerou os níveis S V OD, S V OD + complementos e S V OD + minioração; (iii) forma verbal, dividida em infinitivo, não finita ou simples flexionada; e (iv) função sintática do antecedente, separada em igual, diferente e não se aplica.

Para o tratamento dos dados, foram realizados tanto análises de estatística descrita como de estatística inferencial, por meio da plataforma *R* (R Core Team, 2024). As do primeiro tipo consistiram no cálculo das frequências e proporções de cada variante de acordo com as variáveis consideradas. Já para as outras análises, foi elaborado um modelo de regressão logística multinomial com todas as variáveis (incluindo as extralinguísticas), a partir do proposto por Levshina (2015). Os resultados dessas análises são apresentados na seção a seguir.

## Resultados e discussão

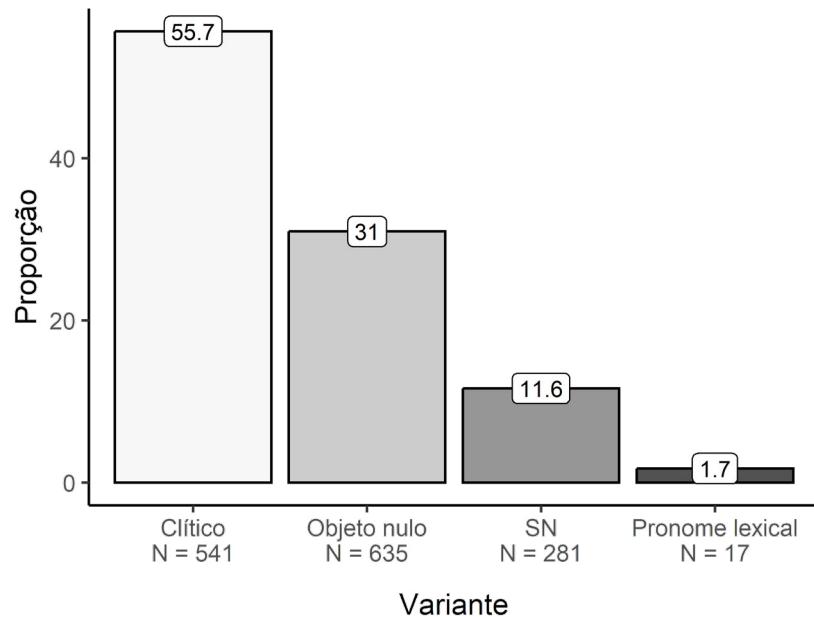
Uma vez excluídos os dados que não foram incluídos na análise<sup>9</sup>, foram identificadas 972 ocorrências do acusativo anafórico de terceira pessoa nas legendas das séries que compuseram do *corpus*. Desse total, 487 ocorrências foram extraídas de legendas profissionais, enquanto 485 foram encontradas em *fansubs*. A distribuição geral desses dados é apresentada na Figura 1.

---

8 Para mais informações, verificar Azevedo (2024).

9 Não foram incluídas nas análises as ocorrências de acusativos anafóricos que retomavam antecedentes oracionais ou predicativos. Essa decisão foi tomada após a constatação de que apenas objetos nulos e SNs foram empregados nesse contexto, assim como descrito na literatura (Duarte, 1986; Cyrino, 1994; e Freire, 2005, por exemplo). Para conferir a distribuição com a inclusão desses dados, consultar Azevedo (2024).

**Figura 1.** Frequências e proporções das quatro variantes da realização do acusativo anafórico de terceira pessoa (N = 972)



**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 160)

Como ilustrado na Figura 1, o clítico acusativo foi a variante mais frequente no *corpus*, representando 55,7% das ocorrências, seguido pelo objeto nulo (31%), pelo SN (11,6%) e pelo pronome lexical (1,7%). Considerando que os dados são provenientes de um gênero textual-discursivo que busca reproduzir de forma natural a fala das personagens, esperava-se uma menor incidência do clítico, dado que essa variante já não é mais tão comum no português brasileiro (PB) falado (Duarte, 1986; Freire, 2005; Marques de Sousa, 2021, entre outros). Nesse sentido, uma possível justificativa para essas proporções é que, mesmo sendo projetada para refletir a língua oral, a legenda não consegue de fato se afastar do meio escrito em que é produzida.

Em relação às demais variantes, as proporções e frequências observadas estavam dentro do esperado. No caso do objeto nulo, sua alta produtividade já era prevista, considerando que se trata de uma estrutura curta, amplamente difundida no PB e que parece ser um recurso não estigmatizado para realizar a retomada anafórica (Duarte, 1986), o que explica sua presença em cerca de um terço das ocorrências. Da mesma forma, o uso limitado do SN anafórico também era previsto, posto que essa variante, com ou sem modificações, exige um número maior de caracteres em comparação às demais, o que pode levar os legendistas a evitá-la. Por fim, a baixa frequência do pronome lexical era igualmente esperada, já que, embora relativamente comum na fala, ele ainda carrega certo estigma, o que pode desencorajar seu uso em legendas.

Com vistas a compreender plenamente a variação linguística na realização do OD anafórico de terceira pessoa, foi necessário empreender outras análises além das iniciais. A fim de explorar o impacto de cada variável previsora sobre o fenômeno, foi elaborado um modelo de regressão logística multinomial utilizando a função *mlogit* no *R* que incluía todas as variáveis previsoras e três das quatro variantes, após a exclusão dos dados referentes aos pronomes lexicais devido à sua baixa frequência. Os resultados referentes às variáveis linguísticas, apresentados em *logodds*, estão dispostos na Tabela 1<sup>10</sup>.

**Tabela 1.** Resultado da análise de regressão logística multinomial para as variáveis linguísticas na realização do acusativo anafórico de terceira pessoa em legendas audiovisuais (N = 955)

	<b>Estimativa</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Valor-z</b>	<b>p</b>	<b>Aplicação</b>	<b>N</b>
Clítico (ref.)						
<i>Intercept 1: ON</i>	-1,273	0,548	-2,321	0,02		
<i>Intercept 2: SN</i>	-2,663	0,702	-3,791	<0,001		
Traço semântico						
Animado (ref.)					456/530	(86%)
Não animado: ON	3,435	0,226	15,163	<0,001	250/425	(59%)
Não animado: SN	3,086	0,289	10,602	<0,001	90/425	(21%)
Forma verbal						
Infinitivo (ref.)					277/419	(66%)
Não finita: ON	0,777	0,215	3,616	<0,001	14/29	(48%)
Não finita: SN	0,059	0,265	2,108	<0,001	5/29	(17%)
Simples flexionada: ON	1,277	0,659	1,936	0,05	186/507	(37%)
Simples flexionada: SN	0,905	0,771	1,173	0,24	67/507	(13%)
Estrutura sintática						
S V OD (ref.)					294/591	(50%)
S V OD + complementos: ON	-0,166	0,223	-0,748	0,45	86/307	(28%)
S V OD + complementos: SN	-0,924	0,304	-3,030	0,002	20/307	(7%)
S V OD + minioração: ON	-0,948	0,526	-1,801	0,07	7/57	(12%)
S V OD + minioração: SN	-0,703	0,596	-1,178	0,23	4/57	(7%)
Função do antecedente						
Igual (ref.)					234/510	(46%)

10 Os resultados completos da regressão, incluindo as variáveis extralingüísticas, podem ser encontrados em Azevedo (2024).

Diferente: ON	-0,477	0,294	-1,618	0,10	29/193	(15%)
Diferente: SN	-0,670	0,366	-1,826	0,06	13/193	(6%)
NA: ON	0,277	0,242	1,147	0,25	81/252	(32%)
NA: SN	-0,656	0,340	-1,928	0,05	15/223	(6%)

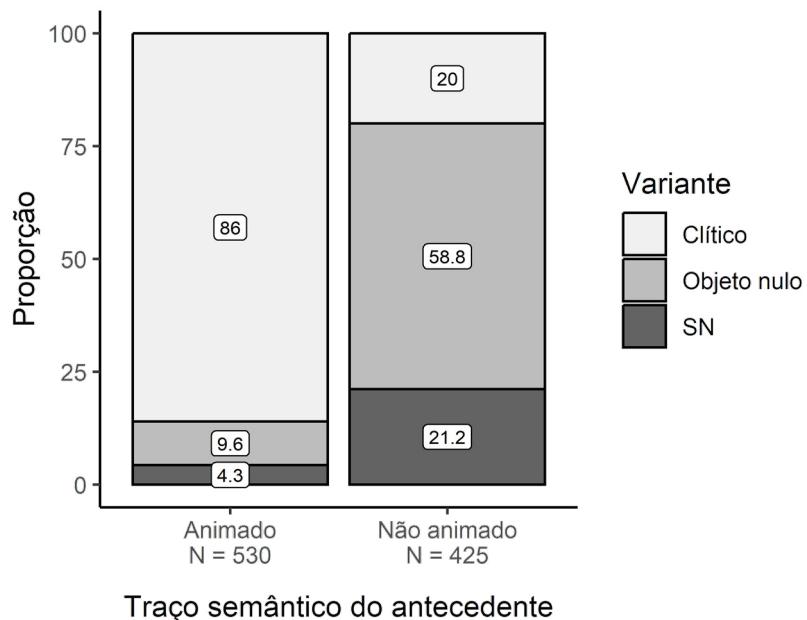
Modelo: mlogit(VD1 ~ 1 | TRACO.ANT + FUNC.ANT + FOR.VERB.A + EST.SINT.A + TOPICO + RELACAO + TIPO.LEGENDA + CPL + CPS, data = dfm2, relevel = 1).

**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 165)

Observando as estimativas reportadas na Tabela 1, tem-se que, de modo geral, a categoria vazia e o SN foram desfavorecidos em -1,273 e em -2,663 *logodds*, respectivamente, quando comparados ao clítico acusativo. Isso indica que, nas legendas audiovisuais analisadas, o uso do clítico é mais provável do que o de um objeto nulo ou um SN anafórico, sendo esta última variante a forma com a menor probabilidade de ocorrer. Além disso, os valores-*p* obtidos para ambas as estratégias confirmam que as proporções inicialmente observadas são estatisticamente significativas, corroborando a distribuição geral dos dados.

Passando à discussão das variáveis linguísticas consideradas, apresenta-se, primeiramente, o efeito do traço semântico do antecedente na expressão do acusativo anafórico de terceira pessoa. Por meio dos coeficientes gerados, é possível notar que o clítico acusativo foi favorecido ao retomar antecedentes animados, ao passo que a categoria vazia e o SN foram favorecidos em 3,435 e 3,068 *logodds*, respectivamente, em contextos nos quais o antecedente era não animado. Percebe-se que o objeto nulo foi a estratégia mais favorecida nesse caso, corroborando a hipótese de que antecedentes de traço [-animado] tenderiam a ser retomados por complementos não lexicalizados. Para que os resultados relacionados à realização do OD anafórico de terceira pessoa em relação ao traço semântico do antecedente sejam mais bem visualizados, pode-se observar as frequências e proporções apresentadas na Figura 2.

**Figura 2.** Frequências e proporções das variantes do OD anafórico de terceira pessoa de acordo com o traço semântico do antecedente (N = 955)



**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 168)

Como ilustrado no gráfico, há diferenças claras na distribuição das variantes conforme o traço semântico do antecedente. Para referentes animados, o clítico foi usado em 86% dos casos, superando amplamente o objeto nulo (9,6%) e o SN (4,3%). Já para antecedentes não animados, o objeto nulo predominou, com 58,8%, enquanto clíticos (20%) e SNs (21,2%) tiveram proporções similares. Esses dados, aliados às estimativas do modelo de regressão, indicam que a realização do OD anafórico não é aleatória, mas se correlacionou a essa variável.

Tal conclusão reforça os achados da literatura, que constatam que a predominância do objeto nulo para antecedentes com traço [-animado] se deu por meio do processo de difusão dessa variante no PB. De fato, foi a partir da substituição do clítico neutro pela categoria vazia que essa variante ganhou uma maior projeção, sendo ela a estratégia preferida no PB oral atualmente (cf. Cyrino, 1994; Cyrino; Duarte; Kato, 2000, entre outros). Os exemplos (5) e (6) a seguir trazem casos de antecedentes animados e não animados, respectivamente referenciados pelo clítico e pelo objeto nulo.

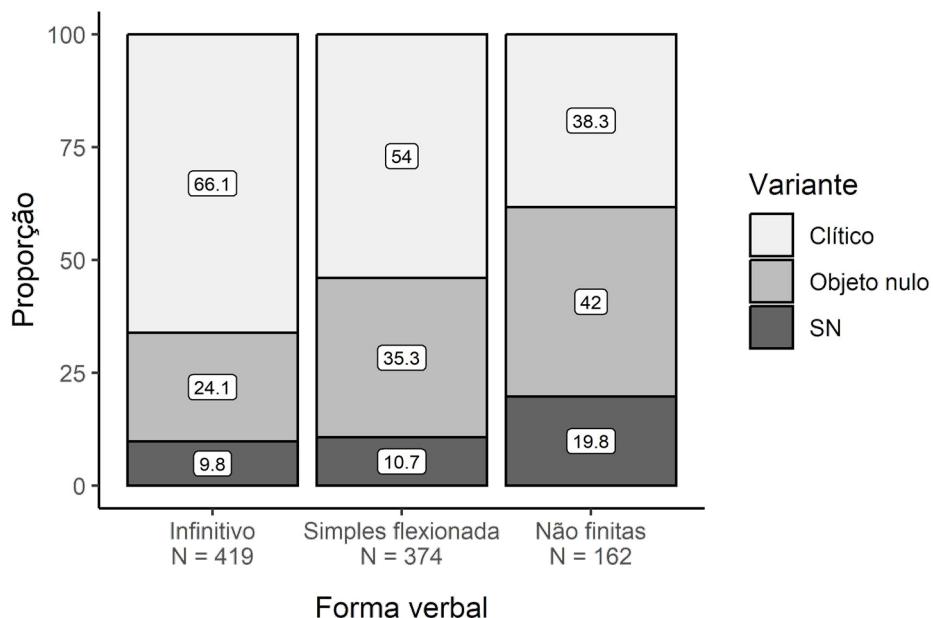
5. M3: *Ele* está em Bagdá  
com o exército americano.  
Não pude adotá-**lo** legalmente,  
e ele é um refugiado sírio. (FT14E01)

6. AZ1: Como *um osso*.

Às vezes é preciso quebrar [Ø]  
para solidificar certo. (PT10E01)

Quanto à forma verbal, as apresentadas na Tabela 5 indicam que as formas verbais no infinitivo (simples ou complexo) favoreceram o uso do clítico acusativo em relação às outras duas variantes. Em contrapartida, para outras formas não finitas, como o particípio e o gerúndio, o SN (0,777 *logodds*) e o objeto nulo (0,059 *logodds*) foram mais favorecidos em comparação com o clítico, sendo o SN a variante preferida. Complementando a interpretação, a Figura 3 traz a distribuição das variantes do acusativo anafórico de terceira pessoa de acordo com a forma verbal.

**Figura 3.** Frequências e proporções das variantes do OD anafórico de terceira pessoa de acordo com a forma verbal (N = 955)



**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 170)

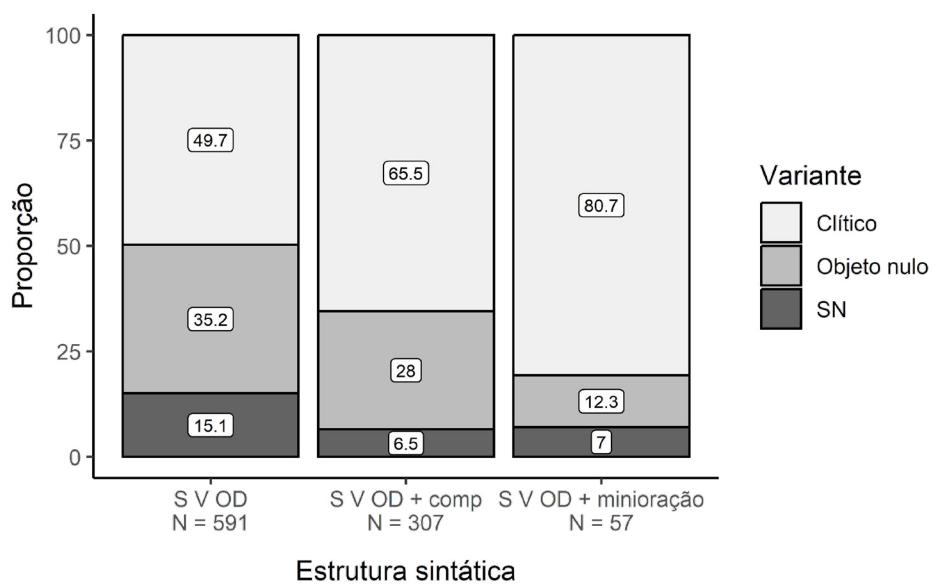
Como demonstrado no gráfico, o clítico acusativo foi a forma mais expressiva quando o OD era argumento de verbos no infinitivo, representando 66,1% das ocorrências, enquanto o objeto nulo apareceu em 24,1% e o SN em 9,8% dos casos. No entanto, diante de outras formas não finitas, o objeto nulo foi a variante mais frequente, com 42%, seguido pelos SNs (19,8%) e o clítico acusativo (38,3%). Assim, à medida que diminui o uso do clítico, parecem aumentar as taxas de objeto nulo e SN, corroborando os resultados da regressão logística multinomial.

Portanto, as expectativas para essa variável foram parcialmente confirmadas. Com efeito, o clítico foi a variante mais favorecida com infinitivos, como reportado anteriormente por Marafoni (2004), Freire (2005) e Lima (2022), por exemplo. Contudo, no contexto de outras formas não finitas, o objeto nulo foi a forma preferida. Além disso, o clítico se manteve em metade das ocorrências com formas simples flexionadas, reforçando sua expressividade em diversos contextos. Os exemplos (7) e (8) ilustram, respectivamente, os contextos favoráveis ao clítico e às demais estratégias.

7. L2: *Ela perguntou e você não disse nada.*  
O que, estava esperando o momento  
certo para humilhá-**la** publicamente? (PT10E13)
8. Não vou operar *uma paciente*  
que não me quer operando **[Ø]**. (FT06E13)

Já no que concerne à estrutura sintática, os coeficientes do modelo de regressão logística multinomial mostram uma correlação significativa desse fator com a variável resposta. Quando o SN foi usado em sentenças de estrutura S V OD + complementos – orações que incluíam, além do OD, um objeto indireto ou complemento oblíquo –, o SN foi desfavorecido em -0,924 *logodds* em relação nível de referência, isto é, o clítico acusativo. A Figura 4 apresenta as frequências e proporções calculadas para cada nível da variável resposta, a fim de auxiliar na compreensão dos resultados.

**Figura 4.** Frequências e proporções das variantes do OD anafórico de terceira pessoa de acordo com a estrutura sintática (N = 955)



**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 171)

As proporções apontadas no gráfico indicam que o clítico foi a estratégia mais empregada em todos os tipos de estrutura sintática considerados, tendo seguido a tendência geral da amostra e superou a soma das outras variantes em estruturas complexas (com complementos ou minioração). Por outro lado, o SN foi a variante menos empregada, alcançando sua menor taxa de aplicação (6,5%) em construções de configuração S V OD + complementos. O excerto (9) traz um exemplo de SN em uma estrutura que o desfavoreceu e o (10) ilustra um caso de clítico usado com uma minioração.

9. C2: Dra. Grey! O *Owen* está morto?  
M1: Ele está vivo. Está vivo.  
Inconsciente, mas vivo.  
C2: Leve **Owen** para a sala em frente e retire  
essa bala. (PT06E24)
10. M1: Você manda lá fora,  
mas eu mando aqui.  
Saia do meu caminho.  
RP1: Deixem-**na** passar. (FT10E24)

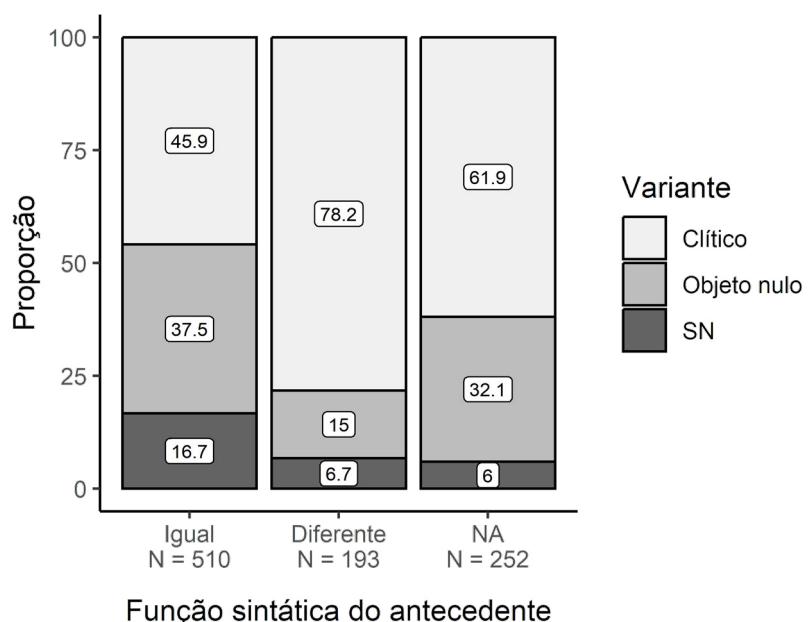
Em relação a esse último tipo de estrutura – o das miniorações –, é interessante mencionar que, embora o pronome lexical não tenha sido incluído na análise multivariada devido à baixa frequência dessa variante no *corpus*, foi precisamente em estruturas com miniorações que ele demonstrou maior produtividade. Das 17 ocorrências encontradas nas legendas, 7 (41%) foram empregadas quando o objeto exercia uma função dupla, confirmando achados anteriores da literatura (cf. Duarte, 1986; Marafoni, 2004). As legendas (11) e (12) a seguir representam casos em que o OD é seguido por um verbo e por um predicativo, nessa ordem.

11. D1: Bipei a *Brooks*.  
Mande **ela** fazer uma TC de cabeça,  
tórax e abdômen da Sra. Ashford. (PT10E01)
12. LO1: E quando voltarem para casa terei  
que contar para eles que *Georgie*... [...]  
Não consigo nem ver  
**ele** desse jeito, não dá. (PT06E01)

Dessa forma, foi possível confirmar as hipóteses levantadas para essa variável, já que o clítico se mostrou a variante mais predominante em todos os contextos, enquanto o pronome lexical, apesar de pouco expressivo, apareceu com mais frequência em sentenças com a estrutura S V OD + minioração.

Por fim, faz-se interessante averiguar qual foi a distribuição das variantes de acordo com a função do antecedente, mesmo que essa variável não tenha se correlacionado significativamente com a realização do fenômeno. Conforme apresentado na Figura 5, as frequências e proporções das variantes do OD anafórico de terceira pessoa mostram que o clítico foi a variante mais produtiva nos três contextos analisados. No entanto, é importante notar que o objeto nulo foi mais frequente na retomada de antecedentes que também desempenhavam a função de OD (37,5%), competindo com o clítico, consoante estudos como os de Cyrino (1994), Marafoni (2004) e Santana (2016).

**Figura 5.** Frequências e proporções das variantes do OD anafórico de terceira pessoa de acordo com a função sintática do antecedente (N = 955)



**Fonte:** Adaptado de Azevedo (2024, p. 184)

Além disso, é importante observar os casos em que não foi possível identificar o antecedente – seja por ser mostrado visualmente, mencionado em outra cena ou não fazer parte de uma oração recuperável –, posto que esse foi um nível definido a partir da natureza do gênero textual-discursivo analisado. Como mencionado anteriormente, nos casos em que a função sintática do antecedente não pôde ser determinada, o clítico acusativo predominou, representando 61,9% dos dados, seguido pelo objeto nulo (32,1%) e, por último, pelo SN (6%). Os trechos (13) e (14) a seguir exemplificam, respectivamente, a ocorrência com a estratégia menos expressiva nesse contexto e a com o objeto nulo se referindo a um OD apresentado visualmente.

13. H1: *Lidocaína e vários 4x4*.  
Pode levar **isso** para o Hunt? (PT10E01)
14. S3: Desculpe.  
J2: Por que você não tira **[Ø]** (FT14E01)

Além disso, é importante observar os casos em que não foi possível identificar o antecedente – seja por ser mostrado visualmente, mencionado em outra cena ou não fazer parte de uma oração recuperável –, posto que esse foi um nível definido a partir da natureza do gênero textual-discursivo analisado. Como mencionado anteriormente, nos casos em que a função sintática do antecedente não pôde ser determinada, o clítico acusativo predominou, representando 61,9% dos dados, seguido pelo objeto nulo (32,1%) e, por último, pelo SN (6%). Os trechos (13) e (14) a seguir exemplificam, respectivamente, a ocorrência com a estratégia menos expressiva nesse contexto e a com o objeto nulo se referindo a um OD apresentado visualmente.

Assim, com base na interpretação dos resultados, não foi possível confirmar completamente as hipóteses propostas. Apesar de a categoria vazia realmente ter sido mais utilizada com antecedentes de função sintática similar, não houve correlação estatisticamente significativa, como observado em Lima (2022). Ademais, de maneira oposta às expectativas, o clítico, e não o objeto nulo, foi a variante mais empregada quando a função sintática do antecedente não foi indicada, o que parece estar alinhado à tendência geral de uso do pronome acusativo no *corpus*. Entretanto, a menor expressividade do SN nesse contexto está em consonância com a lógica que motivou a elaboração da hipótese: como os antecedentes podem ser facilmente recuperados, não há necessidade de mencioná-los ou de empregar processos de referênciação do mesmo modo que em um texto escrito.

## Considerações finais

Toda manifestação linguística é necessariamente materializada por meio de um gênero textual-discursivo, o que, naturalmente, influencia o comportamento dos fenômenos observados. Dessa forma, é cada vez mais imprescindível e produtivo voltar um olhar cuidadoso às características dos gêneros utilizados em estudos sociolinguísticos, visando a identificar os fatores específicos que condicionam a ocorrência de uma variável em um determinado gênero.

Com isso em mente, o presente artigo apresentou parte dos resultados de uma pesquisa conduzida por Azevedo (2024) acerca da realização do acusativo anafórico de terceira pessoa em legendas audiovisuais da série *Grey's Anatomy* (2004–), a partir de um *corpus* que englobou tanto legendas profissionais como *fansubs*. Para as análises, foram considerados, além de fatores extralingüísticos específicos do gênero legenda

audiovisual, os condicionadores linguísticos traço semântico do antecedente, forma verbal, estrutura sintática e função sintática do antecedente. O estudo buscou analisar se esses fatores se mostrariam relevantes para a ocorrência do fenômeno, assim como já havia observado em outras pesquisas sobre esse objeto de estudo.

No geral, os resultados da pesquisa aqui descrita tornaram possível a identificação de correlações estatisticamente significativas entre a realização do acusativo anafórico de terceira pessoa e as variáveis linguísticas incluídas na pesquisa. Foi constatado que as legendas audiovisuais demonstram uma clara preferência pelo clítico acusativo, o que pode se relacionar às recomendações normativas e estilísticas dos guias de legendagem que guiam o trabalho dos tradutores, bem como aos contextos de produção e recepção desse gênero. Além disso, os resultados obtidos para as variáveis linguísticas consideradas corroboram achados já reportados na literatura sobre o PB escrito, sugerindo que o comportamento do objeto direto anafórico nas legendas audiovisuais é similar ao observado em outros gêneros da modalidade escrita.

Dessa forma, mesmo concentrando-se apenas nas variáveis linguísticas, foi possível notar que o gênero textual-discursivo exerce uma influência significativa sobre a realização desse fenômeno variável. Tal constatação reforça a necessidade de se considerar as especificidades do gênero ao se estudar a variação linguística, não só no caso da realização do OD anafórico de terceira pessoa em legendas audiovisuais, mas em toda e qualquer investigação sociolinguística que se queira mais precisa e abrangente.

## Referências

- AZEVEDO, L. O. *A língua na tela: descrição e análise da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas profissionais e fansubs*. 2024. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos? In: BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. (org.). *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 13-38.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintâticodiacrônico*. 1994. 229 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. *In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (org.). Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Verveurt, 2000. p. 55-73.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Lingüística aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

FREIRE, G. C. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. 2005. 204 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LABOV W. *Principles of Linguistic Change*. Vol 1: Int ed. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol 2: Soc ed. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R*. Amsterdã: John Benjamins, 2015.

LIMA, M. D. A. de O. *Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s): o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais*. 2022. 313 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MARAFONI, R. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES DE SOUSA, A. A. *As realizações do acusativo anafórico em variedades do português*. 2021. 201 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna: R. Foundation for Statistical Computing, 2023. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

SANTANA, J. M. C. P. de. *Diagnose e ensino de pronomes: um estudo sobre a retomada anafórica do objeto direto de terceira pessoa no Português brasileiro*. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 31-49.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].